

2/1

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Seduzidas pela estética mas acossadas pela família

Modelos de nu artístico arrastam vida difícil em mercado sem lei

• Visita aos bastidores da ESBAL

Comprometidas entre a sedução dos valores estéticos e a vergonha das famílias, as modelos de nu, em Portugal, levam vida difícil num mercado sem lei. Muitas posam até oito horas por dia, sacrificadas à necessidade de ganhar mais algum dinheiro, mas nenhuma desmente que o ferrão dos preconceitos sociais já as feriu. É uma profissão exigente, cansativa e de curta duração, porque as crianças não participam dela e os velhos só são aceites para trabalhos de rostos e mãos. Os homens afastam-se, acossados pelo dedo acusador na sua virilidade orgulhosa: parecem pensar, «tudo menos andar despido perante estranhos!» Sem Segurança Social, sindicatos que lhes acautelem os interesses, e reforma para os dias de amanhã, estas jovens, entre os 25 e os 35 anos, amparam-se na muleta da semi-clandestinidade: frequentam as salas de aula das escolas de Belas-Artes, ou os «ateliers» particulares, mas apenas falam à imprensa ao abrigo do anonimato. Esta é a mola que dispara a reportagem realizada nos bastidores da ESBAL.

«Pelo amor de Deus, não escreva o meu nome, use antes um pseudónimo», suplicou Mila, 28 anos, casada, e modelo natural há escassos 12 meses.

«Quero guardar sigilo sobre a minha identidade», disse por seu turno uma ex-modelo a quem convienmos chamar Esther, ao activo durante três lustros e hoje retirada da profissão.

«As pressões familiares são muito fortes», apontou ainda Mar, 26 anos, solteira, que se estreou há apenas cinco semanas.

As três estão adstritas à Escola Superior de Belas-Artes de

Lisboa (ESBAL). Mila e Mar são pagas a 300 escudos à hora, em sessões que podem ir até três horas, com pequenos intervalos cada 20 ou 25 minutos, para descanso. Também aceitam posar em «ateliers» de pintores ou escultores interessados nas suas figuras: aqui, os honorários sobem bastante, rondando os 1500 escudos, por períodos que oscilam entre uma hora e meia e as duas horas.

«Mas as modelos profissionais de nu preferem o emprego fixo na ESBAL ou, porventura, noutros centros afins, como por exemplo a Sociedade de Belas-Artes, o Instituto de Arte e Decoração (IADE), ou no Centro de Arte e Comunicação Visual (ARCO), ao trabalho sem ga-

rantia de continuidade solicitado por particulares, no máximo uma vez por semana», explicou o mestre Domingos Soares Branco, tanto na sua qualidade de docente na ESBAL como de artista com estúdio próprio, nas imediações do Palácio dos Coruchéus.

EXISTÊNCIA MODESTA

Todavia, e mesmo dedicando-se a fundo à labuta quotidiana, as modelos de nu dificilmente ultrapassam rendimentos mensais da ordem dos 40 contos.

«Sinceramente, estamos mal pagas, e considero que aquilo que recebemos só nos permite levar uma vida modesta», declarou, em síntese, Mar.

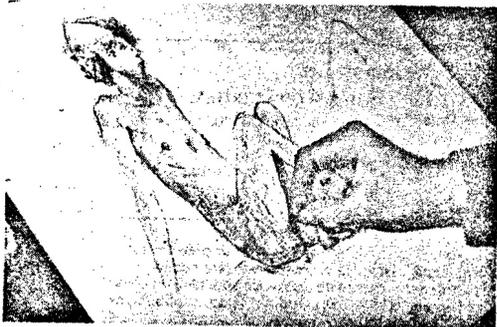
A sua companheira, Mila, foi mais longe, salientando a inexistência, em Portugal, de estabelecimentos para formação de modelos didácticos que, assim, devem aprender muito cedo a contar apenas consigo mesmas, com a sua «queda» profissional espontânea, burlada ao longo dos anos por esse professor inexorável, o tempo, que traz consigo a necessária experiência.

«Na maioria dos casos, entra-se para modelo de nu a convite

de amigos, ou a pedido do artista. E as instituições pagam salários baixos, o que obriga à aceitação de maior número de sessões diárias, para aumentar o ordenado. Mas, passado o período de adaptação, vencida a inibição e a rigidez iniciais, é uma actividade prazenteira, que não cansa absolutamente nada», frisou Mila.

Ela dedica, todas as manhãs, quatro horas a poses para escultura e, todas as tardes, outras três horas para pintura e desenho, na ESBAL. Aos sábados, no «atelier» de mestre Domingos Soares Branco, faz um «part-time».

Não gosta de sentir próximo de si os caloríferos, indispensáveis no Inverno, porque receia constipar-se com mudanças de temperatura. E, quando lhe perguntamos o que mais lhe custou, até agora, neste ofício, responde com um sorriso: «Desvendar o segredo de parar o movimento, sem parecer rígida; assim, o artista consegue mais facilmente animar e dar graça à



Mar, modelo de nu artístico, em pose



2/8

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

sua obra, captando o movimento aparente do modelo estático».

Já para a estreante Mar, houve subtis barreiras a vencer: «Comecei a posar nua em estúdios de pintores, onde sempre me senti à vontade, sem qualquer constrangimento. Só mais tarde passei a modelo didáctico para alunos de Belas-Artes e, aí, não nego que, a princípio, me vi algo atrapalhada, perante dezenas de pessoas que me mediam todas as zonas do corpo, com olhar prescrutor. No transcorrer das semanas, lá me fui habituando».

UMA VERDADE

Uma verdade sobressai, posta nos lábios de Esther, com mais de 60 anos, filha de uma senhora que trabalhou, igualmente, longas décadas como modelo natural:

«A grande virtude de uma modelo de nu é o seu amor e dedicação à arte. Deve ser mulher solteira e sem namorado porque, caso contrário, surgem conflitos, pois o que faz é algo delicado aos olhos da sociedade. Paciência, dedicação quase exclusiva à profissão, boa saúde e juventude, são outros tantos requisitos que não convém esquecer».

«Poucas aguentam até depois dos 40 anos, na medida em que a agilidade e elasticidade do corpo são importantes», acrescentou Esther, para concluir: «Final, é um trabalho que deve ser encarado como outro qualquer, só que não pode durar eternamente. Se o excesso de rigidez dos muitos jovens quase nunca dá boas obras de arte, a participação dos idosos só acaba por justificar-se para exercícios sobre anatomia, bustos e mãos».

De opinião divergente, Mar, talvez porque ainda moça, corrige: «O artista é quem define o modelo que lhe interessa, porque não somos exactamente manequins. Uma modelo pode ser nova ou velha, magra ou gorda, baixa ou alta, tanto faz,

porque o único problema que encontra é a resistência ao cansaço de horas a fio na mesma posição».

Permaneça, no entanto, um conselho: na vida das modelos de nu «não convém misturar trabalho com lar», frisa Esther, que nunca deixou de acentuar a fadiga inerente ao ofício onde, há 15 anos, ganhava a 50 escudos à hora na ESBAL, e a 100 escudos nos «ateliers» privados.

Eis, talvez, a razão porque as modelos profissionais de nu se contam pelos dedos no nosso país: «O dinheiro nunca sobra».

«Geralmente, têm outras ocupações, ligadas ao mundo da arte: são os próprios estudantes, e até professores, que posam mais com fins didácticos que monetários», referiu Milá.

A EXPERIÊNCIA DO MESTRE

Instado a tecer o seu comentário, mestre Domingos Soares Branco observou: «A nível particular, é verdade que os colegas posam uns para os outros. Quanto às modelos profissionais, oferecem os seus serviços para serem, obviamente, remuneradas. Todas gostam de arte, muitas são até vaidosas das suas formas, e fazem deste um trabalho como qualquer outro. Dos proventos obtidos, só conseguem viver modestamente, com a agravante de a sua actividade não ser, oficialmente, considerada profissional. Perdem, consequentemente, o direito à Segurança Social, Fundo de Desemprego e eventual reforma».

«É por este motivo que escaçariam modelos profissionais. Encontramos mais facilmente gente de ocupações diversas a posar, dado precisarem de um complemento para a sua existência», adiantou.

Vendedores, cabeleireiras, actores de teatro e manequins pouco conhecidos, foram alguns

exemplos assinalados pelo mestre, que pôs especial ênfase nestas últimas: «Sob o ponto de vista humano, valorizam a relação com artistas, que é bem diferente da frieza que reina nas 'passerelles'».

«As modelos guardam, aliás, boas recordações dos artistas», admitiu.

Para Soares Branco, todavia, poucas são as modelos que fazem da sua actividade uma carreira: «Mas nunca, até hoje, rejeitei ninguém, nem no atelier, nem na ESBAL, por considerar indistinta a utilização de homens ou mulheres, de todas as idades e anatomias. Devemos saber qual é a forma na sua pujança, para depois a podermos reproduzir na decrepitude».

Segundo o mestre, «desenhar modelo ao vivo é fundamental para todos os artistas, que aprendem a dominar a forma a partir da relação humana que se estabelece: a obra resultante do bom entendimento pessoal, entre modelo e artista, só tem a ganhar com isso», reconheceu.

MÁS LINGUAS

Tratando-se de pessoas despidas, a má-lingua do nosso

povo começa a funcionar. Na praia ou no «atelier» de qualquer artista, que importa? É o mito da nudez que está em causa. «E as mulheres que aparecem a posar são geralmente mal vistas pela sociedade e até consideradas, em situações extremas, como prostitutas», confessou Milá.

Em Portugal, tudo quanto envolve artistas «cheiras a boémia, incêndela e imaginação» e traz ideias de vida devassa. O universo dos artistas é tido como sinónimo de «baixo-fundo», território de luxúria. Ali, a promiscuidade parece estar na ordem do dia, a par da falta do bom senso, dos valores morais e da boa educação. Enfim, como narrou Domingos Soares Branco, «há gente que julga que artistas e modelos acabam, irremediavelmente, na cama». Nada mais falso.

«Pode acontecer, mas nunca tive de enfrentar uma cena desse género», afirmou, peremptória, a jovem Mar, considerando que a própria modelo tem o dever de acautealar-se. Ela, afinal, sente-se útil e orgulhosa daquilo que faz.

Esther, por outro lado, esclareceu: «Jamais tive razões de queixa, os artistas sempre me trataram muito bem e o relacionamento pautou pelo respeito e pela compreensão. Afinal de contas, estive 15 anos ao activo, e posso falar com conhecimento de causa. Admito, porém, que hoje possa haver mais audácia e tentativas explícitas de envolvimento amoroso entre artista e modelo, porque há maior liberdade... os tempos mudaram».

Milá, radical, contra-ataca: «Desnudar-se em público é como abrir o subconsciente ao mundo. No trabalho, a modelo não tem individualidade, é puro material didáctico, tornando-se, no seu anonimato, apenas uma mulher qualquer, que ainda por cima está nua. Assim a vê o leigo, que parece pensar: 'Se está a mostrar o corpo, é porque é capaz de ir com qualquer homem'».

Sobre a constante pressão familiar, anotou: «Neste aspecto, os problemas também não são poucos. Muitas modelos exercem a sua actividade quase clandestinamente, porque não

ousariam contar em casa o que fazem. Precisam do dinheiro, mas ficam enfrentadas à sociedade e à família. A arte está cheia de preconceitos».

Acerca do fenómeno da sedução, declarou: «As más intenções não surgem, por exemplo, da parte dos alunos. Se um artista é ousado, cabe à modelo interromper a sessão e retirar-se. Mas outras há, mais exibicionistas e provocadoras, que chegam a despir-se atrás de um biombo, colocando robes vaporosos! Algumas envolvem-se com o artista, embora tais relações nunca sejam duradouras, com prejuízo para a modelo, que acaba por ser rejeitada. Uma modelo profissional, em contrapartida, não deve cair no erro das estatísticas, mostrando o importante e escondendo o essencial».

A veterana Esther conclui: «Só quem está dentro deste universo o pode entender. A nudez continua a ser um mistério, e um segredo a preservar dos pais, incapazes de o entenderem». Reconheceu, contudo, uma quota parte de culpa nas próprios modelos: «Sim, colaboram indirectamente com a opinião pública, porque estão imbuídas da ideia de que a nudez é um crime, e a todo o custo querem esconder-se».

HOMOSSEXUALIDADE

Acerca dos modelos masculinos, as nossas entrevistadas coincidem.

Mar: «Os homens portugueses são machistas e mais vulneráveis aos preconceitos sociais, julgando indecente posar. As mulheres, mais desinibidas, têm a tarefa facilitada».

Milá aludiu à homossexualidade: «Os homens que aparecem a posar são tidos como exibicionistas e homossexuais. Vivem o mesmo problema dos bailarinos...».

Por último, Esther concluiu: «Talvez os homens tenham maior relutância por sentirem a sua personalidade ferida. Idêntico preconceito manifestam os pais cujos miúdos são convidados a posar: recusam sacrificar as crianças, numa actividade que julgam imprópria».

Mas fique, em síntese, a palavra tranquilizadora da antiga modelo: «Não há o menor perigo de sermos identificadas nas esculturas ou quadros, porque o artista altera o perfil das feições. O modelo apenas serve de base à obra!».

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31